

PARA ALÉM DA MODERNIDADE: NIETZSCHE E A ESCOLA DE FRANKFURT

BEYOND MODERNITY: NIETZSCHE AND THE FRANKFURT SCHOOL

MÁS ALLÁ DE LA MODERNIDAD: NIETZSCHE Y LA ESCUELA DE FRANKFURT

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-114>

Data de submissão: 13/07/2025

Data de publicação: 13/08/2025

Oclécio das Chagas Lacerda

Doutor em Filosofia

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: ocleciolacerda@gmail.com

RESUMO

Pretende-se desenvolver uma análise filosófica capaz de propor alternativas aos problemas sobre a modernidade, diagnosticados por Nietzsche e pelos filósofos frankfurtianos, Adorno e Benjamin. De acordo com a análise crítica do mundo moderno, feitas por tais filósofos, a vida humana segue o caminho da decadência e da pobreza. Propõe-se um desvio deste caminho, em busca de uma concepção de vida elevada, em que haja justo equilíbrio entre as condições espirituais e materiais. Este desvio deve ocorrer a partir da intensificação do estado de decadência e pobreza, proliferado em todos os componentes da cultura predominante.

Palavras-chave: Modernidade. Decadência. Pobreza. Nihilismo. Ciência.

ABSTRACT

The aim is to develop a philosophical analysis capable of proposing alternatives to the problems of modernity diagnosed by Nietzsche and the Frankfurt philosophers Adorno and Benjamin. According to these philosophers' critical analysis of the modern world, human life follows a path of decadence and poverty. A deviation from this path is proposed, in search of a higher conception of life, in which there is a just balance between spiritual and material conditions. This deviation must occur through the intensification of the state of decadence and poverty, proliferated in all components of the prevailing culture.

Keywords: Modernity. Decadence. Poverty. Nihilism. Science.

RESUMEN

El objetivo es desarrollar un análisis filosófico capaz de proponer alternativas a los problemas de la modernidad diagnosticados por Nietzsche y los filósofos de Frankfurt Adorno y Benjamin. Según el análisis crítico del mundo moderno realizado por estos filósofos, la vida humana sigue un camino de decadencia y pobreza. Se propone una desviación de este camino, en busca de una concepción superior de la vida, en la que exista un equilibrio justo entre las condiciones espirituales y materiales. Esta desviación debe ocurrir mediante la intensificación del estado de decadencia y pobreza, proliferado en todos los componentes de la cultura dominante.

Palabras clave: Modernidad. Decadencia. Pobreza. Nihilismo. Ciencia.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste na análise das obras de Nietzsche, Adorno e Benjamin, mais especificamente na leitura das obras consideradas pontuais para o desenvolvimento do problema em questão. Deste modo, a meta é fazer uma síntese de alguns conceitos basilares desses filósofos para, em seguida, desenvolver uma compreensão filosófica capaz de propor alternativas para a condição de pobreza e decadência, próprias da modernidade progressivista e científica, que se prolifera na cultura dominante.

Serão analisados os conceitos nietzschianos de niilismo, transvaloração de valores, decadência e além-homem. Assim como os conceitos de dialética, técnica e *mimesis*, elaborados por Adorno. Em seguida, a análise se concentra nos conceitos benjaminianos de destino, direito civil e técnica. E, para concluir, será realizado uma síntese das concepções de tais filósofos, com o intuito de aventar uma concepção de superação da condição moderna pobre e decadente, predominante em nossa cultura. Esta proposição pós-moderna, que deve surgir a partir da análise dos diagnósticos realizados por Nietzsche, Adorno e Benjamin, pode ser pensada como a intensificação dos valores dominantes, que se manifestam na democracia, no direito civil e na ciência.

Para Nietzsche, os valores modernos, por serem apenas versões laicas dos valores cristãos, enfraquecem e diminuem a vida humana. E, para Benjamin e Adorno, a consciência moderna, instrumental e metódica, responsável pelo progresso da ciência, aumenta a pobreza e a decadência dos seres humanos, uma vez que facilita ainda mais o processo de dominação, disseminado pela cultura. Desta forma, a partir do aprofundamento crítico dessa vida moderna, é possível alcançar os meios necessários para o cultivo de uma vida futura, em que tais condições de decadência e pobreza, sejam superadas.

2 NIETZSCHE E OS VALORES MODERNOS

Conforme a filosofia de Nietzsche, os valores cristãos sofreram, na modernidade, um processo de laicização. Tal processo ocorreu a partir da intensificação do sentimento da compaixão e do trabalho maquinial, concebidos pelos cristãos como meios pelos quais é possível evitar o sofrimento. Deste modo, com a exacerbação do trabalho agregado, no mundo moderno, a consciência religiosa perde espaço para a consciência científica, de matriz positivista.

Para Nietzsche (1998), o homem das “ideias modernas”, porta-voz do conhecimento de seu tempo, que se autointitula independente da crença religiosa, ainda é um produtor de ficções e continua reproduzindo as superstições de um determinado tipo de religião predominante em toda a Europa, o cristianismo. A Europa da modernidade, que exalta a liberdade em relação à crença cristã, ainda se

encontra presa às verdades do cristianismo e agora de forma ainda mais crônica e epidêmica, por estar circunscrita nos valores morais, presente na filosofia, na arte, na ciência e na política, ou seja, em todos os setores da cultura.

Segundo Nietzsche (1992), o diagnóstico progressivista da Europa é próprio do erudito, do homem das “ideias modernas”. Um tipo de homem que louva e glorifica seu tempo, que vê a história da humanidade como um progresso. Em contraposição a esta concepção otimista da cultura europeia, Nietzsche analisa criticamente tanto as conquistas de seu tempo, como também as instituições que as representam e o tipo de homem responsável realizar tais conquistas. Ele considera que a cultura do progresso ou civilização promove um enfraquecimento do homem europeu, ou seja, a Europa moderna vive em uma condição de fraqueza generalizada.

A partir da crítica à modernidade, Nietzsche realiza uma reflexão sobre a Europa do futuro, uma e forte, conduzida por um novo tipo de homem, o filósofo do futuro. Mas, para tanto, é necessário superar a cultura europeia, enfraquecida e degenerada, que ainda é predominante. Deste modo, a proposta nietzschiana de uma nova Europa se apresenta como resposta à cultura europeia de seu tempo, que honra e reproduz valores fracos e debilitados, que se expressa sob a forma daquilo que é denominado pelo filósofo alemão de “ideias modernas”, cuja mais atual e generalizada manifestação é o movimento democrático, o qual já está completamente disseminado por toda Europa.

A crítica do mundo moderno, presente na filosofia nietzschiana, indica um caminho para a superação, por meio do cultivo de novos valores, responsáveis por conduzir a vontade do ser humano a assumir condições elevadas de intensificação. Entretanto, tal intensificação ocorre a partir da experiência oposta, o estado mais fraco de fluidez da vontade. Este tipo de fraqueza é a condição atual do ser humano e de sua cultura do progresso, cujos valores predominantes são aqueles que se manifestam como positivismo jurídico e científico e como democracia capitalista.

Segundo Nietzsche, a ação de levar ao extremo todos os valores modernos, que compõem a cultura, exige do ser humano um mergulho nas profundezas de sua própria decadência. Um mergulho que tende ao caminho da derrocada total. Entretanto, quem intensificar sua consciência da condição de pobreza e enfraquecimento em que vive, poderá alcançar um momento propício à destruição desses valores. E, com isso, projetar o novo caminho que levará à superação da cultura predominante.

Nas páginas iniciais de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (1996, p. 211) afirma sermos “uma corda sobre um abismo”. Esta seria, a nosso ver, a sua imagem do momento capaz de levar à superação dos valores modernos, um momento que se realiza no próprio ser humano. Mas precisa ser cultivado, o que exige um tipo de compreensão deste “abismo”. E o conceito chave para tal compreensão é a

ideia de niilismo, como manifestação sintomática da decadência em que vive o homem dos valores modernos.

O niilismo é diagnosticado por Nietzsche como uma vontade de rejeição radical de valor e de sentido da vida, provenientes da desconfiança de que todas as concepções do mundo são falsas. Esta primeira manifestação do niilismo é caracterizada como o pessimismo diante da vida. Seus primeiros sintomas são: a tendência a compaixão, a resignação, a quietude.

O pessimismo, quando intensificado, leva o ser humano a se afundar ainda mais na decadência, momento em que este passa a aspirar ao nada. Entretanto, se mesmo mergulhado neste abismo, o decadente niilista conseguir suportar tal tortura, maiores são as chances de seu niilismo se tornar ativo. É nesta condição de total descrença e negação do mundo e da vida que surge uma possibilidade, um caminho para a sua afirmação, que consiste na criação de novos valores.

Aquele que consegue alcançar o niilismo ativo transforma sua decadência, sua falta de meta e de sentido, sua interpretação pessimista do mundo, em uma força violenta de destruição, que leva o decadente a um estado não definitivo, momentâneo, no qual ele se liberta dos valores tradicionais, das crenças, da fé em tudo o que se refere a um estágio precedente já exaurido e circunscrito.

A força violenta de destruição, que se manifesta enquanto niilismo, tende ao oposto, ao lado terrível e problemático da existência, onde a dor é mais real que o prazer. E é, a partir desta “navegação” perigosa pelo lado obscuro da vida, que o niilismo alcança sua condição extrema. Somente radicalizando o niilismo é possível ultrapassar o abismo. E, com isso, afirmar a existência, sancionar um novo início, reinventar o mundo dominado pela vontade de potência, criar novos valores capazes de superar a dualidade moral predominante, que se sustenta na concepção bem e mal.

Para Nietzsche, o niilismo é um sintoma da derrocada de sentido e degeneração dos valores predominantes na cultura europeia de seu tempo. Ele é um sintoma das diversas manifestações de fraqueza e degeneração inscritas no europeu moderno. Mas, ao mesmo tempo, é também um movimento, uma marcha em que se intensifica o instinto de destruição, a tal ponto de alcançar a afirmação incondicional do mundo e a criação de novos valores capazes de superar os então vigentes.

A superação dos valores predominantes, que enfraquecem e degeneram o ser humano moderno, ocorre, segundo Nietzsche, a partir do cultivo de um novo tipo de vida humana. Uma vida capaz de suportar a consciência moderna e ultrapassá-la, promovendo a transvaloração dos valores. Pois, aquele que consegue suportar o sofrimento sem sucumbir, o seu pessimismo se intensifica e alcança o niilismo, que se manifesta como uma condição de passagem. Somente por meio do niilismo extremo é possível chegar à suprema afirmação do mundo e da vida. Nesta condição extrema, o ser humano pode se elevar e alcançar a condição de experimentador.

3 ADORNO E A DIALÉTICA DO EU

Assim como Nietzsche, Adorno realiza uma leitura crítica do mundo moderno, que abeira o niilismo. Mas, a solução apontada por este filósofo é diferente da proposta nietzsiana. Para Adorno, a vida humana que valoriza, voluntária ou involuntariamente, o progressivismo científico e o historicismo modernos, caminha para um novo tipo de barbárie. Deste modo, Adorno afirma (1985, p. 11): “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”.

O mundo moderno é, segundo Adorno, um abismo tenebroso que, ao absorver nossa existência, promove um descompasso entre a experiência e os modelos de representação de objetos, entre o pensamento e o ser, entre o sujeito que conceitua e o objeto a conceituar, entre a forma e o conteúdo, entre o conceito e a intuição. Podemos afirmar, então, que tal descompasso consiste no desequilíbrio entre a condição material e a espiritual da vida humana.

O progresso científica, ou o progresso do pensamento, como concebe Adorno, possibilitou o surgimento de um tipo de esclarecimento cujo objetivo é livrar os homens do medo e atribuir a eles a posição de senhores. Entretanto, esta concepção, que tem Bacon, como seu principal representante, atribui à razão instrumental cartesiana o *status* de protagonista da história. A história do vencedor, segundo a qual o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. Tal entendimento tem, para Adorno (1985, p. 17 e 18), a técnica como essência, pois “não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital”.

A proposta apresentada por Adorno a esta condição de barbárie do mundo moderno consiste numa superação dialética das dicotomias originadas a partir do descompasso entre as condições materiais e espirituais da vida humana. Tal superação consiste em experimentar todas as perigosas seduções que desviam o Eu da trajetória de sua lógica, tal como fez Ulisses em a Odisseia de Homero, ou seja, se expor audaciosamente as ameaças da morte para, desta forma, se tornar duro e forte para vida.

Adorno intensifica a razão instrumental quando propõe a dialética como um tipo de método capaz de levar o ser humano a superar as dicotomias modernas. Somente desta forma é possível fazer com que pensamento desvie o Eu da trajetória de sua lógica. Este desvio se aproxima do niilismo de Nietzsche, na medida em que ele consiste em um tipo de aniquilamento e destruição da relação do Eu com o mundo.

A vida futura seria, de acordo com a dialética adorniana, aquela em que todas as conciliações existentes, tanto as que são sustentadas pelo idealismo absoluto, quanto a lógica, a histórica e a política, sejam refutadas e pressionadas pelo irreconciliável, para desta forma abrir caminho a outro tipo de reconciliação, pensada como processualidade contínua. A esta mediação, Adorno chamará de *mimesis*, uma espécie de assimilação de si pelo objeto, ou seja, a *mimesis* é um regime de mediação por meio dos extremos e nos próprios extremos.

O pensamento *mimético* é, segundo Adorno, compreendido como a capacidade transitiva de se colocar em um outro e como um outro. A *míse*, enquanto identificação do eu com aquilo que me parece como oposto, seria um modo de superar a dicotomia entre eu e outro. E esta produção de *míseses* enquanto mediação ocorre por meio da arte. Os setores mais avançados da produção artística podem nos levar a pensar em uma nova ordem para o mundo. Na arte podemos encontrar manifestações que, ao se desdobrarem, atingem a esfera da vida social, recolocando o eu no percurso natural, do qual se desviou.

4 BENJAMIN E A EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

A modernidade, para Benjamin, se apresenta como um estado de exceção em permanência, caracterizado por guerras e catástrofes e pela coisificação da humanidade, em que o papel filosófico e existencial da cultura fracassou e foi substituído por um mundo técnico e científico com sua lógica de total domínio da natureza. A ideia de humanidade se perdeu. O capitalismo moderno profana esta ideia e instaura um culto à mercadoria. Benjamin (1994, p. 115) diagnostica o mundo moderno como: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”. Esta miséria, bem mais notória do ponto de vista material, enquanto escassez dos meios necessários para o desenvolvimento da vida humana, é também do ponto de vista espiritual, uma miséria de experiência.

O problema da experiência é um tema fundamental na filosofia de Benjamin e está mais ligado à esfera da corporeidade do que a da racionalidade. O racionalismo, assim como o historicismo, está diretamente vinculado à filosofia do progresso e seu modelo de produção próprio da modernidade, o capitalismo, em que tudo parece se transformar em sociedade de massa, do consumo, da técnica e da coisificação. Estes são, para Benjamin (1994, p. 115), os responsáveis pelo fim da experiência: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”.

O fim da experiência é um sintoma silencioso daqueles que viram o mundo se tornar, sob o impacto da técnica, com as duas guerras mundiais, um grande campo de batalha e em trincheira. Tal

sintoma se manifesta, por um silencioso estado de espírito em que o tempo é espacializado, homogêneo, vazio e sem qualidade e também pela inexistência de um modelo moral e do desejo de autoconhecimento e do aperfeiçoamento de si. Para Benjamin, o ideal de cultura [*Zuchtung*] fracassou e foi substituído por um mundo antigenealógico, científico e técnico.

A sociedade de consumo e também sociedade tecnológica é, de acordo com a filosofia de Benjamin, incapaz de utilizar a técnica para fins humanitários. Ela identifica os progressos da ciência e da técnica com o progresso da humanidade, dissimulando assim suas regressões. Porém, deste estado de decadência é possível fazer com que a percepção e a consciência sejam transformadas em imagens capazes de proporcionar a experiência revolucionária, que seria um estágio preparatório para a revolução.

Benjamin (1994, p. 25) se refere à experiência revolucionaria ao citar uma importante obra do surrealismo: “Para não mencionar o *Passage de l'opéra*, de Aragon, o casal Breton e Nadja conseguiu converter, se não em ação, pelo menos em experiência revolucionária, tudo o que sentimos em tristes viagens de trem”. De acordo esta afirmação, a experiência revolucionária, para o filósofo, não surge aleatoriamente, ela deve ser trabalhada. É possível converter uma cotidiana e habitual viagem de trem em uma experiência revolucionária. E ainda, conforme a citação, podemos inferir que tal experiência seria um estágio inferior e preparatório à ação revolucionária.

O homem revolucionário é aquele que vivencia certa experiência própria deste mundo científico e técnico da modernidade, dominado pelo capitalismo tardio que, ao transformar o mundo em coisas, por meio do avanço da técnica e da supervalorização do consumismo, diminui a possibilidade de politização do homem e, com isso, diminui também a possibilidade da experiência revolucionária, uma vez que esta ocorre no campo da política. Desta forma, é possível afirmar que a experiência revolucionária possui uma temporalidade. Ela se manifesta no momento do choque, a partir de certo acúmulo de energia do indivíduo em estado de embriaguez. O homem revolucionário tem o papel de direcionar, de converter essas energias da embriaguez em experiência revolucionária, tal como fazem os surrealistas, afirma Benjamin (1994, p.32): “Em todos os seus livros e iniciativas, a proposta surrealista tende ao mesmo fim: mobilizar para a revolução as energias da embriaguez. Podemos dizer que esta é a sua tarefa mais autêntica”.

A experiência revolucionária, de acordo com a reflexão de Benjamin, tem a capacidade de elevar a condição humana, por meio da extinção do mal. Mas, tal elevação exige que pensemos o mundo a partir de outra ótica, a começar pela ideia de tempo. Devemos conceber uma nova forma de temporalidade, outra via de acesso a este mundo humano, capaz de se contrapor ao tempo do mito, dominante no historicismo moderno. O tempo do mito atrela o domínio do destino ao religioso, da

qual gera outra relação, de destino e culpa, que se manifesta, segundo Benjamin, na concepção moderna de direito. É por meio desta que surgem as concepções de culpa e infelicidade. Os seres humanos modernos confundem direito com justiça, o que insere a ideia de destino no domínio do religioso. Benjamim reconhece na jurisdição política moderna conceitos teológicos secularizados. O que o aproxima da interpretação nietzschiana de que os valores modernos são valores cristãos laicizados.

O ser humano elevado, capaz de superar a condição moderna deve, segundo Benjamin, conceber a temporalidade de forma dialética, no duplo registro, epistemológico e autobiográfico, como uma mònoda, no sentido leibniziano, que permite apreender a riqueza do mundo e do devir em uma estrutura individualizada, pois cada um de nós é uma história universal. Este homem elevado é, para Benjamin, o revolucionário, o profeta da pré e da pós história. E é no momento em que esses tempos se cingem, no pequeno instante imóvel, que tempos o momento transitório, o momento messiânico, um acontecimento no limiar do tempo. Entretanto, esse instante é tão difícil que o humano comum não consegue alcançar, por isso, é necessário, afirma o pensador de Frankfurt, que chegue o Messias.

5 A SÍNTSE DA MODERNIDADE

A partir de uma síntese da crítica à modernidade feita por Nietzsche e também por Adorno e Benjamin, podemos afirmar que a decadência e pobreza do mundo atual se manifesta em nossa cultura como valores da modernidade. E, tais valores modernos, apesar de serem louvados pelos eruditos de nosso tempo como conquistas que representam o progresso da humanidade, não passam de interpretações laicas da dominação cristã-capitalista, justificada pela ciência positivista. Desta forma, tais elementos constitutivos da cultura dão continuidade ao processo de decadência e empobrecimento da vida humana.

A construção da concepção filosófica de outra vida, mais elevada, deve surgir a partir da extrema intensificação, como aprofundamento crítico, da concepção de democracia, de direito civil e de ciência. A partir do mais alto grau de intensificação destas concepções, podemos alcançar a condição elevada, um estado transitório, um novo caminho, capaz de desviar o destino da humanidade. E a finalidade deste desvio é conduzir o ser humano à justa adequação entre as condições espiritual e material. Este novo caminho segue, porém, na contramão da concepção progressivista e historicista de humanidade. Ele é concebido a partir de interpretações opostas aquelas dominantes em nossa cultura.

6 CONCLUSÃO

Portanto, a partir da crítica nietzschiana aos valores predominantes na cultura europeia e também da crítica dos filósofos de Frankfurt acerca da perda da humanidade do homem moderno e o fracasso da cultura, que sucumbiram aos ditames da razão instrumental, responsável pela junção entre ciência e técnica, buscou-se, a luz dos conceitos destes filósofos, propor um caminho para o futuro da vida humana em que o problema da escassez material, da decadência e degeneração humana, seja solucionado. Esta concepção de vida futura é aquela que surge a partir da superação da condição atual, prisioneira dos valores modernos dominantes em toda esfera da cultura. A superação é a que ocorre por meio dos extremos. Os quais são alcançados quando se intensificam os valores modernos. Estes se manifestam em nossa cultura atual como democracia capitalista, direito civil e ciência moderna. É necessário levar os valores modernos ao seu extremo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALVOËT, Gérald. *Nietzsche et l'Europe: "Nous autres, bons européens"*. Paris: l'Harmattan, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reproducibilidade técnica*; tradução Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.
- __. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; São Paulo: Brasiliense, 1994.
- D'IORIO, Paolo e MERLIO, Gilbert. *Nietzsche et l'Europe*. Paris: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “De uma estética da visibilidade a uma estética da tativilidade em Walter Benjamin”. Belo Horizonte: Abre/UFMG, 2008.
- GOEDERT, Georges. *Nietzsche critique des valeurs chrétiennes: Souffrance et compaission*. Paris: Beauchesne, 1977.
- Matos, Olgária C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- __. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e ninguém*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os pensadores) 1996.
- __. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.